

Patrimônio Ambiental? Para além da oposição natural/cultural nas paisagens litorâneas¹

Rafael Victorino Devos²

Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC

RESUMO: A partir de pesquisas realizadas na orla da cidade de Florianópolis o trabalho discute a importância das práticas de pesca artesanal para o conhecimento do ambiente costeiro, compreendendo a produção criativa de paisagens litorâneas pelas habilidades perceptivas envolvidas nestas práticas. Tais práticas e paisagens são apresentadas através de imagens em fotografias panorâmicas e sequências audiovisuais que compõem a exposição “Ver Peixe”.

PALAVRAS-CHAVE: Pesca. Antropologia da paisagem. Percepção do ambiente. Antropologia visual.

Environmental heritage? Beyond the opposition natural/cultural in coastal landscapes

ABSTRACT: *This article presents researches carried out in Florianópolis coastline on the knowledge of the coastal environment from artisanal fisheries. We investigated the genesis of the coastal landscape through the perceptual skills involved in these fishing practices. We present these practices and landscapes through panoramic photos and video narratives in the museum exhibit “To see fish”.*

ABSTRACT: *Fishing. Anthropology of the landscape. Perception of the environment. Visual anthropology.*

¹ Este artigo resulta de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Projeto "Lugares Acontecem: mapeamento em hipermídia de itinerários, práticas cotidianas e percepções ambientais na produção da paisagem urbana", financiado pelo CNPQ – Edital MCTI/CNPQ/Universal 14/2014. O trabalho foi apresentado, em uma versão resumida, no 3º. Seminário de Políticas de Acervo, em 17 de maio de 2016, na UDESC, Florianópolis, SC.

² Professor no Departamento de Antropologia da UFSC, pesquisador do Instituto Brasil Plural IBP/CNPq. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) / Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) / Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email: rafael.devos@ufsc.br.

Patrimônio Ambiental? Para além da oposição natural/cultural nas paisagens litorâneas

Rafael Victorino Devos

Este trabalho, realizado em parceria com colegas e estudantes do Departamento de Antropologia da UFSC³, apoiado pelo Instituto Brasil Plural, volta-se para a produção de lugares na paisagem costeira da cidade de Florianópolis. Os chamados conflitos de uso na orla da cidade de Florianópolis remontam a casos semelhantes de revisão do processo de ocupação do litoral brasileiro, de degradação ambiental, de grande valorização dos terrenos à beira d'água e de privatização da orla.

Entender as práticas de determinados habitantes da orla nos permite superar essas dicotomias entre público/privado, natureza/cultura, ao percebermos que a praia não é um cenário a ser ocupado, mas antes um lugar produzido pelas práticas de seus habitantes. Através de pesquisa etnográfica acompanhamos a produção de lugares na paisagem da cidade durante a temporada de pesca da tainha nas praias de Florianópolis. O desafio que uma modalidade de pesca artesanal, a pesca de cerco na praia, coloca ao debate é o fato de que a praia precisa ser experienciada exclusivamente a partir de tais práticas, restringindo o acesso à praia por parte de outros agentes.

Temporalidades de paisagens litorâneas

A paisagem urbana se apresenta como a consolidação de projetos interessados em ligar, separar, ordenar e hierarquizar pessoas e lugares. A característica de constante redefinição da paisagem nas margens de rios, córregos, lagos e da costa litorânea em cidades brasileiras as sujeitam à ação tanto de formas de uso e apropriação quanto de eventos relacionados a sua própria dinâmica ambiental. Entre o mapa viário urbano e o mapa de drenagem de suas bacias hidrográficas percebem-se diferentes mapeamentos – hierarquizando bairros, ruas, espaços entre o público e o privado, ou conectando e

³ São os colegas Gabriel Coutinho Barbosa e Viviane Vedana, e os estudantes Victor Vieira Paulo e Paulo Olivier Rodrigues do curso de graduação em Antropologia.

misturando lugares até então separados na geografia política da cidade. Mas não há duas paisagens sobrepostas – uma “física” e outra urbana, uma do solo, outra dos córregos, lagos, lagoas, praias e mangues. Enquanto a lógica da proteção ambiental e do controle dos usos reproduz a dinâmica do patrimônio ao instituir “espaços públicos”, pesquisas etnográficas podem apontar outros caminhos para entender a produção de lugares em temporalidades diversas, a partir da inscrição no lugar de ritmos e movimentos capazes de produzir relatos de lugar. Investigando a dimensão narrativa de sua estrutura, tais ritmos relatam e associam nas correntezas da bacia hidrográfica sedimentos diversos – pessoas, animais, plantas, concreto, plásticos, metais, solos, ventos e águas. Sedimentam-se lugares que não são espaços vazios a serem planejados, ocupados ou reservados, mas sim descobertos na paisagem urbana.

Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, é um dos poucos centros urbanos do país com grande parte de seu território situado em uma ilha oceânica. É conhecida por suas belas praias, que ficam cheias de turistas no verão. Uma rápida consulta permite perceber que não há consenso no entanto sobre quantas são estas praias, que variam de 40 a 100 praias na cidade⁴. A falta de precisão nesse cálculo, que poderia indicar a inclusão ou exclusão das praias de lagoas, ou mesmo da margem continental, indica também uma outra característica mais interessante e desafiadora da praia, as diferentes formas de moradores, banhistas, pescadores, agentes da política ambiental, gestores e empreendedores imobiliários estabelecerem fronteiras entre uma praia e outra, entre diferentes práticas de produção de lugares na paisagem urbana.

A praia pode ser entendida como o espaço de terra entre a subida e a descida da maré. Movimento que em sua instabilidade, através da ação de muitos agentes, sujeita a praia ao depósito de materiais e a formas de ocupação diversas, mas também a sujeita à destruição e reconfiguração pela ação dos mesmos agentes. Para quem frequenta ocasionalmente a praia, o litoral aparece como parte do território e ao mesmo tempo limite, lugar onde tudo começa e tudo termina, como já o definiu Alain Corbin (1989): território do vazio. Mas para quem habita o litoral, esse vazio cede espaço a emergência constante de lugares e práticas.

⁴ Algumas fontes consultadas: <http://www.feriasbrasil.com.br/sc/florianopolis/aspraias.cfm>, último acesso em 20/01/2015; <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/praias-sc/capa-interna,860,0,0,0,Florianopolis.html>, último acesso em 20/01/2015; http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_praias_de_Florian%C3%B3polis, último acesso em 20/01/2015;

Quem sabe seja mesmo uma certa concepção de território (como solo urbano) que complique por demais o entendimento dessa dinâmica do litoral. Recentemente⁵ o Ministério Público Federal notificou a prefeitura de Florianópolis a regularizar a ocupação por imóveis da orla da Lagoa da Conceição. Cerca de 62 imóveis, entre casas de alto padrão construtivo, restaurantes, pousadas precisarão adequar-se a regra de que os terrenos compreendidos em até 30 metros da beira da lagoa são considerados espaço público, e a cada 125 metros paralelos a orla devem ser liberados acessos igualmente à beira da Lagoa. Uma decisão que implica na demolição de parte da área construída de imóveis de milhões de reais, indenizações por parte da prefeitura e um novo arranjo na lógica do mercado imobiliário para ocupação da orla. Não se trata de uma decisão isolada, pois remonta a outros casos semelhantes de revisão de um processo de ocupação do litoral brasileiro, que aponta para uma grande valorização dos terrenos à beira d'água e de privatização da orla. Tais ações fazem parte de ações do Ministério Público a nível nacional, que visam reverter um processo de perda da orla no litoral brasileiro e nas regiões de lagoas e rios. Uma ação destinada tanto aos usos públicos da orla, quanto à preservação das características ambientais desta, evitando catástrofes causadas pela erosão do solo, assoreamento e destruição de dunas e outros patrimônios considerados naturais.

Tais noções de patrimônio público ou privado, embora pareçam claros para pensar o controle do acesso à orla, colocam novos desafios quando se trata de pensar as condições de uso da orla. Considerar o litoral, os campos de dunas, as restingas, os costões, os mangues como patrimônio natural brasileiro a ser preservado nos coloca diante da chamada retórica da perda (GONÇALVES, 1996), a necessidade da preservação pode situar o objeto a ser preservado em uma originalidade irrecuperável, em desaparecimento. Encontramos a retórica da perda na morte social dos rios e córregos, na perda das praias poluídas, já discutido em outros estudos (DEVOS, 2009; 2010).

Apresentamos parte da etnografia que desenvolvemos acompanhando as temporadas de pesca da tainha nas praias de Florianópolis. A temporada da tainha permite

⁵ Em 14 de agosto, ocorreu a reunião entre Ministério Público, União e Prefeitura de Florianópolis, onde a decisão foi tomada, revendo um processo de irregularidade que desde 2005 permitia a privatização ilegal da orla da Lagoa. Ver: <http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/190574-prefeito-de-florianopolis-apresenta-acordo-em-acao-contra-ocupacao-na-orla-da-lagoa-da-conceicao.html> último acesso em 28/08/2014.

compreender muitas temporalidades implicadas na constante formação da paisagem litorânea da cidade.

A temporada de pesca da tainha com rede de cerco ou de arrasto na praia é um dos momentos que coloca em destaque o movimento de um complexo arranjo. Na Barra da Lagoa, na ilha de Florianópolis, que elegemos para a realização da pesquisa, o uso da praia para o lazer com pranchas de surfe, *jet skis* e lanchas é suspenso. Moradores que trabalharam intensamente nos meses quentes tiram férias nos meses de maio, junho ou julho, quando a temporada do turismo de verão dá lugar à temporada da tainha no outono. Embarcações de pesca mecanizada se movimentam ao longo da costa, enquanto canoas bordadas, algumas com mais de meio século, são colocadas à beira-mar. Barracos e palanques de vigia de cardumes são erguidos e equipados sobre a areia da praia, pedras, dunas e encostas de morros. As áreas supostamente “naturais” e/ou “vazias” na areia da praia ou nas pedras, em frente às residências de verão, pousadas e restaurantes mudam de configuração. Retomam as muitas temporadas passadas que teceram redes de pesca, de vizinhança e de parentesco, que esculpiram canoas, pontais, pedras e costões com ressonância nos nomes da pesca: “Saragaço”, “Ponta do Marisco”, “Vigia do Paço”, “Pedra da Baleia”, “Vigia da Cruz”, “Ponta do Silveira”, entre outros tantos.

A temporada de pesca da tainha, em suas muitas modalidades (embarcada, com cerco na praia, com tarrafa...) se articula aos ciclos de alterações ambientais. As tainhas são percebidas em movimento. É à *corrida* das tainhas que os pescadores estão atentos. Sua *corrida* envolve seu agrupamento em grandes coletivos, nas alternâncias entre as frias correntezas que vem do sul e aquilo que interrompe a *corrida*, a *entrada* das tainhas com as correntezas de norte e nordeste que as aproximam dos costões, praias e estuários. A temporada da tainha também retoma a presença dos cardumes nas redes, nos barcos, nas peixarias, nas churrasqueiras, nas trocas entre fregueses, vizinhos, parentes. Se algumas modalidades longe da costa são mais eficazes em muitas toneladas de peixes capturados, outras mais perto da praia são mais eficazes na quantidade de pessoas que conseguem agregar. É a pesca de cerco na beira da praia que marca o encontro da cidade com o mar.

Acompanhando as parselhas de *canoas bordadas*, *redes*, *camaradas*, *patrões* e *vigias* é possível aprender um tipo de engajamento com o mar que redesenha o litoral da cidade. Por várias praias assiste-se ao espetáculo das redes sendo puxadas do mar por uma linha de braços que vão se agregando ao esforço de finalizar o *lanço* e ver circular os

quinhões de peixes entre sócios, clientes, amigos e parentes. Imagens que se repetem marcando o amor da cidade pela tainha e o mar. Mas há outro tempo que antecede o ritmo vigoroso do *lanço*, pouco percebido pelos olhares mais desatentos. É a espera pelos cardumes, na qual os pescadores podem permanecer horas, dias desconfiando dos movimentos do mar, atentos aos sinais e maneiras das tainhas finalmente se mostrarem. Uma espera que se desfia nas conversas no *barracão*, nas remendadas de rede, nas partidas de *caixeta* e *dominó*, no convívio no *rancho de pesca*. Uma espera que disfarça outra prática fundamental da pesca, a observação dos ciclos de relação dinâmica entre chão, mar e céu; areia, água e vento; coletivos de gente, redes, canoas e peixes. Quem passa na praia e não conhece esta espera, pode até não entender porque a areia e o mar precisam estar assim, calmos, sem barulhos e agitos que possam assustar os peixes. Pois estão todos sob estado de discreta atenção, concentrados em *ver peixe*.

Durante as temporadas de 2013 a 2016 acompanhamos parselhas de pesca artesanal em algumas praias da cidade. Anotamos, fotografamos e gravamos em vídeo a espera do peixe, os esforços do cerco e os saberes e gestos necessários para enxergar e conhecer o movimento dos peixes e a temporalidade desta paisagem (INGOLD, 2000). Inspirados na cognição distribuída de Hutchins (1995) e na abordagem ecológica da percepção de Gibson (1986), a produção de panoramas fotográficos e sequências audiovisuais de tal paisagem foram a maneira escolhida para apresentar o desafio da pesquisa, de engajamento e transposição dos ritmos e arranjos da paisagem da pesca para a paisagem das imagens em padrões dinâmicos de correlação. Os primeiros resultados compuseram a exposição “Ver Peixe”⁶ e o site <http://www.verpeixe.tumblr.com>, em um esforço de marcar a atualidade, o vigor e a importância da temporada da tainha nas praias de Florianópolis e as muitas habilidades e dinâmicas de relação com o ambiente marinho que ela devolve todos os anos à cidade.

⁶ A exposição “Ver Peixe: ritmos e panoramas na pesca da tainha” vou montada em 2014 no Museu de Arqueologia e Etnologia Oswaldo Rodrigues Cabral, na UFSC, e em 2016 no Memorial do Ministério Público em Florianópolis, ambas as montagens com o apoio do Instituto Brasil Plural.



Fig 1. Lanço com a Canoa Saragaço. Barra da Lagoa - 2014. Autor: Rafael Devos

Ver peixe

Nos momentos de espera, *ver peixe* é o que todos os camaradas da pesca praticam, para tomar a decisão de botar a canoa na água, lançar a rede, fazer o cerco, trazer para a praia, repartir os *quinhões*. Na companhia dos *vigias*, com quem aprendemos as sutilezas da percepção ambiental implicadas nesta prática somos desafiados a ver de outra maneira – a olhar ao redor, varrer a costa panorâmica do mar com os olhos e ouvidos, sentir na pele as mudanças no clima e situar-se em relação a tudo que se move e refaz a paisagem litorânea.

Os *vigias*⁷ são os camaradas da pesca que permanecem o dia todo observando o mar, atentos à chegada dos cardumes, estimando a quantidade de peixes, a direção e velocidade em que seguem. Além disso, os *vigias* têm um papel importante na sincronização dos movimentos de canoas e redes com os movimentos de águas e cardumes, cabendo a eles orientar os demais pescadores na canoa e na praia sobre como lançar a rede: o momento de saída, a direção e a velocidade a seguir com a canoa, a abertura da curva a ser feita e o retorno à praia, a linha desenhada pela rede na água e o posicionamento do *copo*, parte central da malha da rede, que é retirada por último da água com o restante dos peixes cercados. Do desempenho do vigia pode depender a diferença significativa entre matar algumas poucas dezenas ou milhares de tainhas em um único *lanço* com a rede.

⁷ Também chamados de *espias* e *olheiros*, em outras regiões do litoral brasileiro.

Ao longo da costa, valendo-se de seu relevo e disposição em relação ao mar e à incidência de correntes marinhas, são reerguidos alguns postos de vigia em locais apropriados para se observar o mar e a eventual presença de peixes. Destinados a abrigar os vigias do nascer ao pôr do sol, durante toda a temporada, esses postos são constituídos de bancos, palanques e mesmo pequenos barracos situados uns ao longo da praia, sobre a areia e em dunas, outros sobre pedras e encostas de morros. Nas praias mais extensas, como é o caso da Barra da Lagoa, alguns vigias podem ficar percorrendo-a a pé, de bicicleta ou motocicleta durante todo o dia.



Figura 2: Vigias na Barra da Lagoa – 2015. Autor: Rafael Devos

A tarefa do vigia não se limita a identificar a presença dos peixes. Em suas interações com a praia, com os ventos, o mar e as ondas, os vigias desvendam o ambiente e percebem suas variações, ritmos e movimentos que indicam a presença das tainhas e os meios de cercá-las. Há diferentes maneiras de enxergar o peixe, ou melhor, de a tainha aparecer ou “se mostrar”, conforme a localização do posto de vigia (altitude, direção e distância do mar), condições do ambiente e comportamento dos próprios peixes: *correndo a onda, no vermelhão* ou *no amarelo, na aguada* ou *arrepio, e no pulo*.

É evidente que a visão desempenha um papel central na vigia. Todavia, o “olhar” e “ver” dos vigias é orientado pela percepção multissensorial e o conhecimento refinado do ambiente, o que tivemos já a oportunidade de aprofundar a análise em outros trabalhos (DEVOS; BARBOSA e VEDANA, 2016). Os sons da paisagem, as temperaturas do ar e da água, a claridade do céu e do mar, a direção e intensidade de ventos e correntes marinhas, o conhecimento do comportamento dos peixes e do relevo do fundo do mar. Todos esses e outros fatores são considerados conjuntamente pelos vigias, dirigindo sua atenção. É com base neles que o vigia decide para onde olhar e por quais sinais perceptuais buscar como indícios da presença e movimentação dos peixes.



Figura 3: Vigias na Praia do Campeche – 2015. Autor: Rafael Devos

Sobre pedras, encostas de morro e pontais alguns metros acima do nível do mar, o vigia pode enxergar em profundidade a presença e o movimento de cardumes sob a forma de manchas coloridas mais ou menos compactas e/ou alterações na textura da superfície da água. Com base no tamanho e tonalidade dessas manchas, os vigias estimam o tamanho dos cardumes, desde as manchas mais claras e amareladas de *magotes* com algumas dezenas de peixes, até grandes *mantas* em tons vermelho mais escuro, com centenas ou milhares de tainhas. Quando não há vento e os peixes são muitos, a agitação destes próxima à superfície pode alterar a textura da água, produzindo *marulhos* que os pescadores chamam de *aguada* ou *arrepio*. De qualquer maneira, há sempre o risco de o vigia confundir os sinais perceptuais, tomando manchas avermelhadas de camarões e manjubas ou *aguadas* de vento por aquelas de tainha. Por fim, seja da praia, seja da encosta de morros e costões, é também possível ver as tainhas *nos pulos* e *barrigadas*, quando produzem reflexos brancos e prateados na superfície da água ao se mover.

Junto com o vigia está o rádio, instrumento pelo qual se pode anunciar aos camaradas que estão na praia o momento exato de partir para a água. Durante a espera, muitas impressões sobre as andanças das tainhas são trocadas, seja com quem se junta ao vigia (para levar comida, café), seja pelo rádio, ou mesmo pelo celular. Monitoram os movimentos das praias vizinhas. Deixam por vezes escapar aos camaradas da canoa concorrente, em tom de desafio, que as tainhas saíram do seu pedaço da praia, e foram em direção aos outros pontos de vigia. Em contato com outros pescadores da costa sul do Brasil, comentam que grandes mantas de tainha foram vistas no litoral do Rio Grande do Sul, que escaparam dos barcos em Rio Grande, que vieram das águas frias do Uruguai, ou ainda, que chegaram até os Estados ao Norte de Santa Catarina. É como se o vigia enxergasse muito mais do que a praia à sua frente, vigiando o movimento das tainhas por

quilômetros no oceano, aguardando sua passagem em frente ao seu ponto de vigia, torcendo para que os cardumes escapem de outras redes.

Vigiar, portanto, é mais do que perceber com os olhos a presença do peixe em determinado instante. Podemos situar o que é ver neste contexto, nas reflexões de James Gibson (1986) sobre a matriz ambiental envolvida na percepção visual. A percepção visual do vigia é um gesto que se distribui amplamente entre o ponto de vigia e os demais lugares em relação a este. O que é visto espacialmente leva em conta as posições diversas ocupadas corporalmente em um lugar, de modo a produzir uma imagem tridimensional, sensível, orientando percepções do que está a frente, por trás, ao lado, distante, perto. Ou seja, o vigia não olha apenas em perspectiva, e não é à toa que não faz uso de binóculos ou outros instrumentos de ampliação da visão, porque sua visão é panorâmica. Varre a área completa da praia e avalia relacionalmente o que está acontecendo a cada instante em seu campo de visão – o que se passa com a sucessão das ondas e as pequenas alterações que podem indicar a presença do peixe, as manchas escuras na água que se movem seja indicando a sombra das nuvens, seja alternando movimentos que podem indicar a presença do cardume. Avalia a direção em que tais alterações se movem, pois precisa antecipar o momento em que um cardume *entra* no espaço de captura onde a rede será lançada.

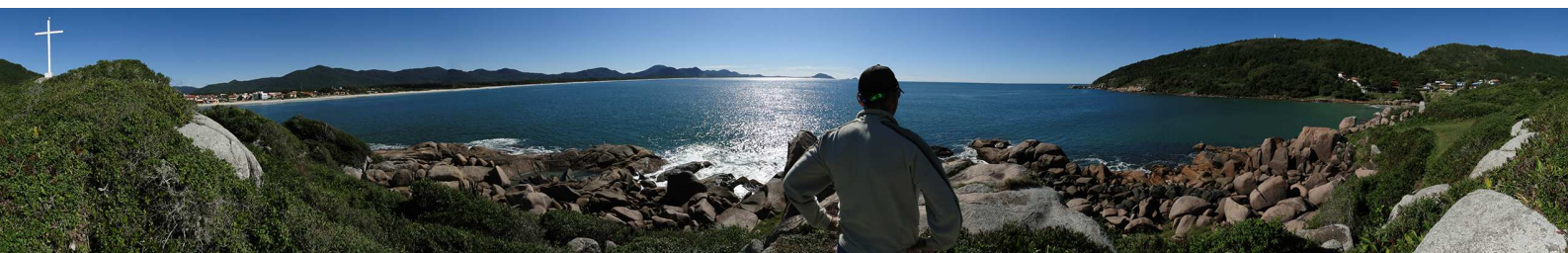


Figura 4: Vigia na Pedra da Baleia – Barra da Lagoa / 2013. Autor: Rafael Devos

Adotamos o desafio de produzir fotografias panorâmicas, para apresentar essa matriz ambiental onde a percepção do vigia é acionada. Mais do que o objeto da vigia, é o lugar de vigia que se destaca nas imagens, não como um ponto na paisagem, mas como um lugar que irradia conexões com outros lugares. Ainda com Gibson, comentado por Paterson (2009), perguntamo-nos se de fato é a figura do peixe destacada do fundo que o vigia vê, ou se é antes o próprio cenário em movimento que é percebido. Na espera da

vigia e no ritmo frenético do *lanço* a percepção visual se completa com os demais sentidos, que não podem ser pensados em separado.

Quando a canoa é acionada, o vigia avalia outras percepções corporais em jogo – a ondulação, o tamanho e peso da canoa e da rede, o movimento do cardume e o movimento da canoa, a velocidade dos *remeiros* (remadores) sincronizada ao gesto do *chumbereiro* (que lança a rede ao mar) e a sincronia entre os dois braços da rede puxados por muitos braços em terra. O vigia aparece então como um maestro, que se possível se libera de puxar a rede em terra, para coordenar as discontinuidades de tantos ritmos dando gritos de ordem aos camaradas. Participar da vigia e do lanço demanda, portanto, uma educação da atenção aos ritmos destes gestos todos.

O vigia precisa antever tais movimentos para que se consiga *matar peixe*. Muitos relatos de *mantas* e *magotes* perdidos, vistos por todos, anunciam que o vigia experiente é o que vê primeiro, em tempo de efetivar a captura do peixe, quase como se adivinhasse ou pressentisse sua chegada. Uma percepção ambiental que pode ser pensada no contexto do que Tim Ingold (2000) retoma de Gibson (1986), quanto à percepção engajada corporalmente no ambiente, e de Gregory Bateson (1972), quanto ao conhecimento depender mais de revelação do que de representação. Os sinais para ver o cardume estão nas ondas e correntezas, no vento, no lugar mais do que na mente ou nos olhos do vigia. São sinais, conforme Bateson propõe, que permitem entender a praia como um conjunto de enunciados presentes nessa paisagem em movimento. Se pensarmos à luz do conceito de cognição distribuída, de Edwin Hutchins (1995, 2010), a percepção ambiental do vigia pode ser entendida como um sistema de percepções que se distribui entre os camaradas da pesca em meio às suas trocas pelo rádio, mas também entre os demais agentes presentes neste ambiente emissores de pistas que ajudam a conhecer melhor o comportamento dos cardumes e dos pescadores: animais, correntes de vento e de maré, objetos técnicos, a topografia do solo e da costa, entre outros. O vigia não aciona um conhecimento específico, nem quanto à espécie da tainha e suas propriedades, nem mesmo quanto à geografia do lugar. Seus conhecimentos estão distribuídos em diferentes elementos que revelam a presença dos cardumes em relação à canoa e aos camaradas posicionados na praia para a pesca.

Os pontos de vigia e de pesca revelam sua existência na temporada da tainha, explicitando os significados dos topônimos associados às pedras, aos sacos, aos cantos,

às dunas que se conectam pela prática da pesca, marcando uma anterioridade das práticas tradicionais na paisagem costeira em relação à sua faceta de balneário. A noção de espaço público, longe de promover o uso a todos dos espaços costeiros, pode limitar práticas locais em prol de práticas de lazer difundidas pelo turismo e o mercado imobiliário. Enquanto o mercado imobiliário divide a costa em zonas de padrões diferenciados de ocupação, as práticas da pesca dividem a costa em espaços diversos de observação e captura de cardumes. O cardume que é capturado é o cardume que escapou de outra rede, da parelha vizinha, das praias vizinhas ou distantes, dos barcos que fazem o cerco em alto mar. A relação de *camaradagem* implica uma parceria na prática da pesca, que revela hierarquias, relações de gênero, vizinhança, disputas e alianças que não correspondem à ideia de comunidade pesqueira como algo isento de conflitos. Tais práticas justamente nos provocam a pensar os usos coletivos do ambiente marinho, que formam a praia.

A pesquisa que realizamos se volta para o papel dos pescadores, enquanto habitantes do litoral, na formação criativa da paisagem litorânea a partir das temporalidades que a pesca coloca em movimento.

O ambiente costeiro não é apenas representado simbolicamente de forma diferente pelos pescadores: tanto pescador quanto ambiente são (re)produzidos pelas interações nas quais se inserem as práticas pesqueiras. O conceito de paisagem é aqui norteador da investigação: paisagem como desenho, rastro, arranjo das marcas deixadas por tais interações entre os movimentos das correntes de ventos, das marés, dos cardumes, dos bancos de areia, das embarcações, das redes, dos pescadores e dos habitantes do litoral em ritmos sazonais à beira mar.

Lugares acontecem

A praia da pesca da tainha não é a mesma praia do turismo de verão, a praia é parte do sistema da pesca. A pesquisa demonstra que o chamado conflito de uso do litoral não é de uso de um mesmo lugar, mas antes, de formação de lugares diversos que retomam sua existência a cada temporada.

A paisagem revela sua forma a partir da inscrição no lugar de diversos ritmos, de repetições de movimentos. Movimentos e ritmos de pessoas, das tainhas, das gaivotas, dos pinguins, golfinhos e baleias que marcam a temporada por serem capazes de produzir relatos de lugar (CERTEAU, 1998). Relato aqui tem o sentido de relatar – religar, relacionar, produzir associações (LATOURE, 2005), pois o relato, seja numa narrativa ou numa imagem, revela um arranjo, uma conexão, que é temporal e espacial. Tais arranjos atuam na produção dos lugares. Os lugares “acontecem” (CASEY, 1996), são feitos, marcando seu caráter de evento, sinalizando a sua dimensão enunciativa (CERTEAU, 1998). São lugares que devem ser experienciados a partir de suas dinâmicas ecológicas, engajando-se em diversas práticas cotidianas que são a condição de sua percepção.

De fato, um lugar não existe senão em relação a outros lugares, regionalizando-se (CASEY, 1996) em fronteiras fluídas como a água. Enquanto que a política ambiental propõe a valorização de unidades (bacias, biomas) ambientais a lógica do lugar revela que não há senão descontinuidades em tais unidades. O que há do outro lado da margem depende da margem em que nos situamos. Situar-se no lugar e atravessar regiões e fronteiras é a condição de percepção e produção da paisagem. Esta perspectiva ecológica de percepção (INGOLD, 2000) que situa o sujeito corporalmente engajado no ambiente, é a condição para que se investigue a lógica relacional do lugar atuando na produção da paisagem. A paisagem que importa aqui não é um cenário estático que pudesse existir sem que o movimento da vida estivesse nele ocorrendo, mas antes a paisagem que é feita, e refeita todo os dias. As ruas estreitas, as residências, o canal, as vielas e trilhas de acesso às praias e mirantes são parte da mesma paisagem da costa, marcando temporalidades da paisagem, na qual podemos encontrar as pistas, as marcas de tais enunciações de lugares.

Os conflitos entre os pescadores e surfistas é conhecido já da temporada de pesca da tainha no litoral catarinense. Em reuniões entre associações de pescadores e de surfistas, são justamente as noções de patrimônio público, natural associado à orla, que se opõem a ideia de patrimônio cultural, imaterial, tradição que os pescadores têm acionado nos debates. No entanto, entre os próprios pescadores, e entre os próprios surfistas tal dicotomia natural/cultural não se sustenta. No caso da pesca, as distinções entre o tradicional, artesanal e industrial são constantemente refeitas e negociadas, pois implica do ponto de vista da fiscalização de suas práticas pelos órgãos como o Ibama, no controle do

uso de instrumentos técnicos – malha da rede, tipo de rede – que seriam ou não prejudiciais à reprodução dos estoques pesqueiros no mar. Entre os pescadores, no entanto, como vimos com os vigias, não é o tipo de instrumento usado, mas um sistema de conhecimento relacional, distribuído, que inclui a própria paisagem que pode ser pensado como artesanal, pois coloca o pescador em relação ao ambiente e submetido à sua dinâmica, em oposição aos objetivos da pesca industrial, de justamente subjugar o ambiente em busca de otimização do trabalho da pesca para alcançar cada vez maiores quantidades de pescado.

No caso do surfe, Celso Alves Senna (2011), em seu TCC de graduação em Ciências Sociais, estudou o fenômeno do localismo entre surfistas nas praias de Florianópolis. O localismo consiste na prática dos surfistas locais em defenderem o direito a ocuparem os melhores picos, locais privilegiados de formação de ondas na praia, mas também de controle para que todos possam surfar as ondas, já que colocar-se no caminho, pegando a onda que já foi pega por outro surfista acaba com a chance de aproveitar a onda, assim como pode causar acidentes graves. As formas de exercer tal controle lembram os conflitos dos pescadores com os surfistas – da advertência verbal a ações mais enfáticas. A figura do *local* no surfe justamente oferece uma dinâmica de relação com o ambiente, que inclui os surfistas, as ondas, os ventos, que está ausente numa oposição *nativo X haole* (estrangeiro) como tais conflitos costumam ser vistos. Para se tornar um *local*, é preciso inserir-se no lugar, no pico, reconhecê-lo com algo que tem uma dinâmica de ondulações propícias ao surfe, mas que tem também uma temporalidade, é feito pelas condições do mar, mas também pelos surfistas, na medida em que se todos tentarem surfar a mesma onda, ninguém conseguirá (SENNA, 2011). Os surfistas locais estabelecem relações com os pescadores, muitos sendo seus vizinhos e parentes, a ponto de participarem da prática da vigia de cardumes, do remo na canoa, e se inserem nas redes de conhecimento distribuído.

Entre os pescadores, tais lógicas também se apresentam. Embora sejam recorrentes os discursos de tradição e identidade, são outros os elementos acionados entre os pescadores entre os diversos coletivos de pesca para negociar o direito às partes da costa, entre areia e mar, à pesqueiros nos costões. Na praia do Campeche⁸, por exemplo, um mesmo pedaço de praia é dividido entre os dias da semana por duas

⁸ Os dados sobre a pesca na praia do Campeche foram obtidas através da pesquisa de iniciação científica dos estudantes Victor Vieira Paulo e Paulo Olivier Ramos Rodrigues.

parelhas diferentes. Assim como no surfe, há uma competição que envolve habilidade no aproveitamento da praia, é preciso estar sempre pronto. Na ilha, a temporada da tainha coloca essa rivalidade da pesca em destaque, as parselhas competem para ver quem tem o maior lanço. O cardume que é capturado é geralmente pensado como o cardume que escapou de outra rede, na praia vizinha. Os vigias são monitorados pelos outros vigias, pois a falha de uma canoa na captura é a oportunidade para outra captura. Uma disputa que ocorre também com os barcos que fazem o cerco em alto mar, pois tanto os cardumes de tainha podem correr para a praia, quanto sair para mar aberto.

A relação de *camaradagem* entre os pescadores implica uma parceria na prática da pesca, que revela hierarquias, relações de gênero, vizinhança, que não correspondem a ideia de “comunidade pesqueira” como algo isento de conflitos. Tais práticas justamente nos provocam a pensar os usos coletivos do ambiente marinho, na gênese da praia. A própria noção de espaço público, longe de promover o uso livre dos espaços costeiros, acaba por limitar práticas locais em prol de práticas difundidas internacionalmente pelo turismo e o mercado imobiliário, em detrimento de outras.

Os chamados estudos de “antropologia marítima”, ou “de populações costeiras”⁹ vêm lidando há bastante tempo com conflitos socioambientais que envolvem a figura do pescador tradicional em oposição ao ambientalismo internacional, à pesca industrial e ao mercado do turismo. Embora tragam importantes contribuições sobre a prática da pesca, tal antropologia marítima toma os ambientes costeiros como cenário e objeto de conflitos de ocupação, representação e usos diversos, como recurso natural a ser preservado, controlado, gerido. A pesquisa que realizamos se volta para o papel dos pescadores, enquanto habitantes do litoral, na produção criativa da paisagem litorânea a partir das temporalidades que a pesca coloca em movimento.

⁹ Referimo-nos aos trabalhos de Mussolini (1980), Diegues (1983) e Maldonado (1994), e os estudos inspirados em suas obras.



Figura 5: Lanço com a Canoa Saragaço/ Barra da Lagoa. 2015. Autor: Rafael Devos

O ambiente costeiro não é apenas representado simbolicamente de forma diferente pelos pescadores: tanto pescador quanto ambiente são (re)produzidos pelas interações nas quais se inserem as práticas pesqueiras. O conceito de paisagem é aqui norteador da investigação: paisagem como desenho, rastro, arranjo das marcas deixadas por tais interações entre os movimentos das correntes de ventos, das marés, dos cardumes, dos bancos de areia, das embarcações, das redes, dos pescadores, dos turistas e dos habitantes do litoral em ritmos sazonais à beira mar.

REFERÊNCIAS

- BATESON, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind. Collected Essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology*. San Francisco: Chandler Pub. Co. 1972.
- CASEY, Edward. S. "How to Get from Space to Place in a Fairly Short Stretch of Time: Phenomenological Prolegomena." In: *Getting Back into Place*. Bloomington: Indiana University Press. pp. 317-348. 1996.
- CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien 1: arts de faire*. Paris, Galimard. 1990.
- CORBIN, Alain. *Le territoire du vide. L'Occident et le désir du rivage, 1750-1840*. Paris, Aubier. 1989.
- DEVOS, R. V. A crise ambiental sob a perspectiva da memória e dos itinerários no mundo urbano contemporâneo. **Ambiente & Sociedade** (Online), v. 12, 2009.

DEVOS, R., et al. Habitantes do Arroio: memória ambiental das águas urbanas. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 22, 2010.

DEVOS, R. V., BARBOSA, G. C., VEDANA, V. Paisagens como panoramas e ritmos audiovisuais: percepção ambiental na pesca da tainha. Gesto, Imagem e Som. **Revista de Antropologia**. v. 1, n.1, 2016.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática. 1983.

GERBER, Rose. **Mulheres e o mar**: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina, Brasil. Tese [Doutorado]. Florianópolis: UFSC, 2013.

GIBSON, James. *The Ecological Approach to Visual Perception*. New York: Psychology Press. 1986.

GONÇALVES, J. R. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN. 1996.

HUTCHINS, Edwin. *Cognition in the Wild*. Cambridge (USA): MIT Press. 1995.

HUTCHINS, Edwin. « Cognitive Ecology ». In: *Topics in Cognitive Science* vo. 2 issue 4. pp. 705-715. 2010.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London and New York: Routledge. 2000.

HUTCHINS, Edwin. *Cognition in the Wild*. Cambridge (EUA): MIT Press, 1995.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London and New York: Routledge. 2000.

INGOLD, Tim. *Being Alive: essays on movement, knowledge and description*. London and New York: Routledge. 2011.

LATOUR, BRUNO. *Science in Action: How to Follow Scientists and Engineers through Society*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the Social: An Introduction to Action-Network-Theory*. New York/Oxford: Oxford University Press, 2005.

MALDONADO, Simone. **Mestres e Mares**. Espaço e indivisão na pesca marítima. São Paulo: Annablume, 1994.

MUSSOLINI, Gioconda. **Ensaio de antropologia indígena e caiçara**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1980.

PATERSON, Mark. "Haptic geographies: ethnography, haptic knowledges and sensuous dispositions". In: *Progress in Human Geography*, 33(6), p. 766-788, 2009.

SENNA, Celso Alves. **O pico dos surfistas e os surfistas do pico**: sociabilidade, territorialidade e surfe na Vila dos Peixes. TCC. Ciências Sociais, UFSC. 2011.

SIMMEL, George. A filosofia da paisagem. **Revista Política & Trabalho**, João Pessoa, nº12, p. 15 a 24. 1996.

VERPEIXE. <http://www.verpeixe.tumblr.com>. Acesso em 20/11/2014.